

Baixio das Bestas: da seca ao caos

Recebido em 27-05-2013
Aceito para publicação em 04-11-2013

129

Camila Carolina Hildebrand Galetti¹

Apresentação

Este ensaio tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o filme *Baixio das Bestas* (2007), longa metragem do diretor Cláudio Assis, que retrata um vilarejo da região de Pernambuco, onde a crise da economia canavieira é candente e castiga os moradores da região da zona da mata de Pernambuco. Neste contexto, vive a personagem Auxiliadora (Mariah Teixeira), uma menina de 16 anos que mora com seu avô, Heitor (Fernando Teixeira), o qual se utiliza do corpo da menina – expõe a neta para caminhoneiros e cobra “entrada” dos mesmos – para aumentar sua própria renda. Sumarizando, o filme de Cláudio Assis retrata a violência, a exploração na qual as mulheres estão inseridas no vilarejo de Baixio e a decadência na qual os indivíduos se encontram.

Outrora aqui os engenhos, recortavam a campina. Veio o tempo e os engoliu. E ao tempo engoliu a usina. Um ou outro ainda há que diga que o tempo vence no fim. Que um dia ele engole a usina, como engole a ti e a mim.²

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: camila_galetti@hotmail.com

² Período que inicia o filme.

O segundo longa do diretor caruaruense Cláudio Assis, *Baixio das Bestas* (Brasil, 2007), tem como fio condutor elementos tais como a pobreza, exploração sexual, denúncia social e a cultura regional de Pernambuco.

O filme acontece em Baixio, um vilarejo no interior de Pernambuco que sofre com a crise da economia canvieira. Neste contexto, Auxiliadora (Mariah Teixeira) é explorada por seu avô, Heitor (Fernando Teixeira). Em quase todas as noites ele a leva para a rodovia, próxima de um posto onde há muita prostituição, para que os caminhoneiros vejam sua neta nua. Para isso, seu avô cobra uma quantia de cada caminhoneiro.

Percebemos que Auxiliadora não gosta de desempenhar tal atividade, é nítido o nojo que a garota sente quando os homens a observam e às vezes até tocam-na. A relação com seu avô é a pior possível. Vemos no velho Heitor o típico machista que acredita ter o domínio de sua neta. Em uma cena ele chega a verbalizar tal pensamento: – Auxiliadora, você é MINHA!



Cena do filme *Baixio das Bestas* (2007), disponível em:
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127678/>

Através do velho Heitor, observamos uma reprodução do patriarcado. Sobre este aspecto, Saffioti³ afirma que as relações patriarcais, suas hierarquias e sua estrutura de poder contamina toda a sociedade; o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna o Estado. O sistema patriarcal continua vigente em alguns lugares de modo velado, em outras regiões, de forma mais explícita, até os dias atuais. O patriarcado reproduz a ideia de inferioridade das mulheres, deixa nítido o espaço que a mulher deve ocupar e qual é o lugar destinado aos homens. Em *Baixio das Bestas* essa divisão é presente. O velho Heitor (Fernando Teixeira) não deixa sua neta ficar fora de casa, participar das festas da vila, conversar com outros homens. Além disso, ele molesta a menina, com a justificativa de que “faz isso para o bem dela”, sentindo-se como se fosse o único homem a poder ter domínio sobre ela, ditar o que ela deve ou não fazer, tocá-la e dirigir a vida da menina conforme sua concepção de mundo.

Através da forma de tratar sua neta, a polaridade “casa versus rua” nos chama atenção. O mundo interno representaria o feminino e o mundo externo, o masculino. Podemos considerar a casa como uma prisão para as mulheres, ou como um onde a mulher deveria estar segura, já que o interior nos remete à proteção do ninho, de responsabilidade das mulheres. A rua, por sua vez, apresenta-se como local da interação social e do controle e também como o espaço onde se manifestam desejos e ansiedades. A dicotomia “virgem-prostituta” também está presente, pois a mulher “virgem” permanece em casa, enquanto as prostitutas estão sempre na rua, nos bares, bailes, circulando nos espaços públicos.

A personagem Auxiliadora passava o dia inteiro em sua casa, desempenhando os afazeres domésticos. Era privada de conversar com homens, mas era levada por seu avô ao posto para ser exibida aos caminhoneiros. A interação que a rua proporciona, não era ‘aproveitada’ por Auxiliadora, seu avô a privava de qualquer contato com o mundo externo, mas a exibia cotidianamente, como se ela fosse um objeto particular dele.

³ Saffioti, 2004, p.54.

No vilarejo havia um prostíbulo, onde, em luta por sobrevivência, as prostitutas competiam. Devido à seca, à falta de emprego, à concepção que a maioria dos homens da vila tinha das mulheres: meros objetos sexuais, a única saída era a prostituição. O mais intrigante desse prostíbulo é que a maioria dos homens que o frequentavam, estabeleciam uma relação de poder no ato sexual. Mais do que isso, a coreografia dos corpos transformava-se em uma *performance* de luta, de “violentação”. A agressão física está presente em algumas cenas, mostrando que a bestialidade humana norteia as atitudes da maioria dos personagens masculinos de Baixo das Bestas. O contexto de opressão, sobretudo dentro de uma perspectiva de violência contra as mulheres e ao corpo feminino, toma quase que completamente o filme. Grande parte dos personagens masculinos carrega uma marca de perversão para com as mulheres, e um desejo de domínio sobre elas.



Cena do filme Baixo das Bestas (2007), disponível em:
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127678/>

A pobreza é uma das questões centrais retratadas no filme de Cláudio Assis. Em uma das cenas, Everaldo (Matheus Nachtergaele) – um jovem da classe média menciona que: “A pobreza é que nem um câncer, pode até ter parte boa no mundo, mas vai destruindo tudo. Quando tu vê já pegou no pulmão. A pobreza é que vai socializar o mundo.” Essa situação

desordenada e sem perspectiva de mudança, norteia a atitude da maioria dos indivíduos, deixa florescer o lado animal, colocando a racionalidade e a humanização de lado.

Podemos fazer uma associação do cinema de Cláudio Assis ao cinema do final da década de 1960, principalmente o de Glauber Rocha, o qual tinha um jeito singular de fazer cinema, por não seguir um padrão e se desligar dos estereótipos. Os filmes produzidos por Glauber Rocha, como por exemplo, *Deus e o diabo na terra do sol (1964)*, tinham como características o rompimento com o cinema clássico, pois Glauber Rocha utilizava o plano fixo, construía diferentemente a relação dos personagens que apresentavam posições desiguais, não usava plano e contra campo nas filmagens, e realizava a decupagem dentro do próprio campo. Além disso, seu cinema apresentava uma enorme espontaneidade e um forte *mise-em-scène* - traço inelutável da interação social, que acentua seu investimento performático quando enfrenta o olhar da câmera. Em *Baixio das bestas*, Everaldo (Matheus Nachtergaele) enfrenta a câmera e diz: “Sabe o que é o melhor do cinema? É tu pode fazer o que quiser”.

O terreno da negatividade é explorado o tempo todo por Cláudio Assis em *Baixio das Bestas*. Ao assistirmos, automaticamente refletimos sobre o tempo que a tudo engole, sobre as mudanças e o fim de ciclos históricos - o do engenho e o da usina -, sobre a degradação dos indivíduos diante da desgraça trazida pela seca e pela falta de oportunidades. Para Vieira e Lima (2012),

O que se vê em *Baixio das Bestas* é a fragmentação como meio para se dar conta de um pequeno universo, que pode também ter implicações em contextos mais amplos, já que se está tratando de “uma podridão do mundo”. O mundo no *Baixio* é sórdido e pode-se pensar que há, no filme, uma abordagem da própria condição humana, impregnada por uma moral subvertida (Lima e Vieira, 2012, p.54-85).

Baixio das Bestas é um filme intrigante, pois mostra o lado podre dos seres humanos, a falsa moral presente na maioria das sociedades. Nas cenas iniciais, por exemplo, o velho Heitor está conversando com um amigo, que demonstra estar indignado com a televisão, pois na

noite passada ele estava vendo um programa, em que uma mulher estava praticamente nua e esfregando a bunda na câmera. Após o relato de seu amigo, o velho diz: “Sabe por que acontece isso? Porque os homens não tem mais autoridade, são tudo uns mela cueca!”.

Na concepção do velho a sociedade só está em ordem quando os homens estão à frente, mostrando sua autoridade, virilidade enquanto as mulheres devem estar totalmente submissas a eles. Ou seja, um modelo totalmente patriarcal de sociedade. O filme reproduz uma realidade, na qual muitas mulheres estão inseridas, onde a mulher não tem voz e a toda hora são expostas, usadas como objetos, estupradas, não possuem nenhuma autonomia corporal por pertencerem a outros homens e não a elas mesmas.

O filme de Cláudio Assis é um filme forte, que exige que tenhamos muito “estômago” para encarar a violência e todo o caos presentes no vilarejo do Baixo.

Referências

LIMA, Érico Limeira de Araújo; VIEIRA, Marcelo Dídimo S. (2012). *Baixo das Bestas e árido movie: entre a “podridão do mundo” e as perspectivas de mudança*. Revista significação, nº38.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Editora: Perseu Abramo.